

# História oral na era digital: experiências da pandemia da COVID-19

Oral history in a digital era: experiences from the COVID-19 pandemic

La historia oral en la era digital: experiencias de la pandemia COVID-19

**Claudia Musa-Fay\***

<https://orcid.org/0000-0003-2158-5434>

**Luísa Borgmann-de Oliveira**

<https://orcid.org/0009-0005-6818-7398>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Brasil

\*Autor correspondente: [cmfay@puers.br](mailto:cmfay@puers.br)

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender o impacto da pandemia da Covid-19 e da crescente digitalização do cotidiano na metodologia da História Oral. A experiência da pandemia acelerou o processo já consolidado de acesso à internet pelas mais diversas esferas da vida humana devido à necessidade de isolamento social, estreitando os laços dos historiadores com o mundo digital. A migração das atividades normais do meio físico para o ciberespaço foi uma alternativa de emergência ao trabalho presencial, instituída com o objetivo de conter a transmissão do vírus, mas que afetou permanentemente as formas de trabalhar, estudar, pesquisar, aceder à informação e comunicar. A História Oral também foi afetada por este contexto, sendo obrigada a rever as suas posições tradicionais sobre a utilização de entrevistas à distância. Desta forma, este trabalho procura evidenciar as novas relações entre o contexto atual – de uma era digital – e a metodologia da História Oral, tendo a pandemia como marco de aproximação entre a oralidade e o digital. Para tal, apoia-se no desenvolvimento do projeto “Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul” da PUCRS, pesquisa que se dedicou a registrar a pandemia do novo coronavírus a partir de fontes orais de forma digital, entre 2020 e 2023.

**Palavras-chave:** entrevistas à distância; tempo presente; metodologia.

## Abstract

This article aims to understand the impact of the Covid-19 pandemic and the increasing digitalization of everyday life on Oral History methodology. The pandemic experience accelerated the already established process of accession of the most varied spheres of human life to the internet due to the need for social isolation, strengthening ties between historians and the digital world. The migration of usual activities from the physical environment to cyberspace was an emergency alternative to replace in-person, established with the aim of containing the transmission of the virus, but which significantly affected the ways of working, studying, researching, accessing information and communication permanently. Oral History was also affected by this context, finding itself forced to revisit its traditional positions on the use of remote interviews. In this way, this work seeks to highlight the new relationships between the context of the present time - of a digital era - and the methodology of oral history, with the pandemic as a milestone for the rapprochement between orality and the digital. To this end, it is based on the development of the project “Documenting the Covid-19 Experience in Rio Grande do Sul” at PUCRS, research that was dedicated to recording the new coronavirus pandemic from oral sources digitally, between 2020 and 2023.

**Keywords:** remote interviews; present time; methodology.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender el impacto de la pandemia de Covid-19 y la creciente digitalización de la vida cotidiana en la metodología de la Historia Oral. La experiencia de la pandemia aceleró el proceso ya establecido de acceso de las más variadas esferas de la vida humana a Internet debido a la necesidad de aislamiento social, fortaleciendo los vínculos entre los historiadores y el mundo digital. La migración de actividades habituales del entorno físico al ciberespacio fue una alternativa de emergencia a la presencialidad, establecida con el objetivo de contener la transmisión del virus, pero que afectó permanentemente las formas de trabajar, estudiar, investigar, acceder a la información y comunicarse. La Historia Oral también se vio afectada por este contexto, viéndose obligada a revisar sus posiciones tradicionales sobre el uso de entrevistas a distancia. De esta manera, este trabajo busca resaltar las nuevas relaciones entre el contexto de la actualidad - de una era digital - y la metodología de la Historia Oral, con la pandemia como hito para el acercamiento entre la oralidad y lo digital. Para ello,

se basa en el desarrollo del proyecto “Documentando a Experiência de Covid-19 no Rio Grande do Sul” de la PUCRS, investigación que se dedicó a registrar la pandemia del nuevo coronavirus de fuentes orales de forma digital, entre 2020 y 2023.

**Palabras clave:** Entrevistas remotas; tiempo presente; metodología.

## Introdução

Quando uma pandemia como a da Covid-19 acontece, olhamos para o passado e perguntamos como a história pode nos ajudar a compreender a pandemia atual. Ao longo da história, doenças marcam a trajetória dos seres humanos espalhados pelo planeta. Relatos de “pestes” ao longo do tempo são comuns, como a de Atenas em 428, narrada por Tucídides em seu livro “Guerra do Peloponeso”; a Peste Antoniana, no século II d.C., que devastou a cidade de Roma; e outra, no tempo do Imperador Justiniano (527-565), que se espalhou pela atual Ásia e Europa, devastando, sobretudo, Constantinopla, entre outras tantas narradas em tempos romanos.

Durante a Idade Média, a “Peste Negra” provocou pânico na Europa, em 1348. A doença foi uma pandemia devastadora. O contágio do bacilo promovedor da peste ocorria com a inoculação da bactéria pelo organismo do ser humano, de várias maneiras: pelo ar, através da tosse ou de um espirro, pelo contato com o sangue da pessoa infectada, através da picada da pulga ou mesmo pela mordida do rato contaminado. No organismo humano, apresentava-se de duas formas: a bubônica e a pneumônica. Em alguns casos, mais raros, ocorria uma terceira, a peste septicêmica, quando vários órgãos eram infectados, ocasionando uma grave hemorragia interna. A peste bubônica era normalmente transmitida através da picada do agente portador do bacilo.

Desse modo, as zonas rurais, de população mais esparsa, eram mais poupadas que as cidades. Começava assim um ensinamento importante: o “isolamento”, para evitar a contaminação. No momento mais delicado da peste, entre os anos de 1348-1350, a mortandade, oscilando muito entre as regiões, foi de dois terços a um oitavo da população europeia. No geral, estima-se que a Europa ocidental perdeu cerca de 30% de seus habitantes naquela ocasião e só retomaria o nível populacional de antes da peste 200 anos depois, em meados do século XVI.

No final do século XV, doenças como varíola e sarampo foram introduzidas para as populações nativas americanas, ambas com resulta-

dos devastadores. Na conquista das Américas, de 1517 em diante, estas duas enfermidades garantiram o sucesso espanhol contra os indígenas americanos, Astecas e Incas. Pandemias de gripe também marcam a história, como a Gripe Espanhola no começo do século XX (1918-1920). Nos meses finais da Primeira Guerra Mundial surgiu uma grande pandemia de gripe (*Influenza*), e as perturbações causadas pelos combates facilitaram a propagação desta doença, o que causou mais mortes do que a própria guerra, num período muito mais curto de tempo.

Os exemplos históricos demonstram como a doença pode afetar a vida em sociedade, alterando profundamente a vida cotidiana das populações. A peste negra exemplifica como as doenças podem exercer mudanças profundas nas mentalidades: a percepção da proximidade da morte, sentida pela maioria como iminente. A individualidade ocasionada pelo isolamento da doença e a falta de amparo diante da situação inexplicável do momento ocasionaram questionamentos por parte considerável da população europeia.

A memória da peste, assim como da gripe espanhola - e, na atualidade, da Covid-19 -, trouxe à tona o sentimento de vulnerabilidade do ser humano. A pandemia, trouxe para o dia a dia a doença e a morte de milhões de pessoas ao redor do mundo, afetou nossos hábitos e suspendeu por um tempo indeterminado nossos compromissos, projetos, nossos sonhos. Interrompeu a prática de esportes, nossa vida social e cultural e nosso lazer. Precisávamos ficar isolados em casa e não sabíamos por quanto tempo. Provocou medo, angústia e preocupação. A população mundial, ao mesmo tempo em que aguardava respostas dos médicos e cientistas, era assombrada pelos aspectos econômicos como desemprego, falência de empresas e falta de produtos.

A pandemia de Covid-19 não se resume a uma crise sanitária; tornou-se uma crise geral ao afetar as mais diversas esferas da vida humana. Com toda certeza, é um dos eventos históricos centrais do tempo presente, impactando no imaginário, representações e funcionamento do cotidiano. Ao impor uma nova realidade cotidiana para a população em nível mundial, alterou de forma significativa as mais variadas instâncias da vida de bilhões de pessoas. No centro desta experiência, as implicações sanitárias que levaram ao isolamento social inauguraram novos hábitos e novos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, ajustados a uma rotina na qual o perigo é invisível.

Neste artigo, buscamos observar este contexto, a partir de um olhar da situação brasileira, de forma aproximada, investigando os impactos da Covid-19 no campo da História Oral. Para tal, partimos dos relatos realizados durante a pandemia por um projeto realizado pelo Arquivo Público do Rio Grande do Sul em parceria com diversas universidades, cujo objetivo foi de coletar experiências através de depoimentos e formar um acervo de documentação de registros orais acerca da pandemia de Covid-19. A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul atuou como participante do Projeto intitulado “Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul”, contribuindo através da metodologia da história oral para recolher e compartilhar depoimentos sobre a vivência dos estudantes durante a pandemia em nível local, realizando entrevistas entre seus estudantes.

## Metodologia

Este artigo tem como base a metodologia da História Oral, e para isso foi criado um questionário e realizadas as entrevistas para depois analisar as experiências vividas durante a pandemia de Covid-19. A utilização de fontes permitiram o registro para futuras gerações do momento crítico que os estudantes viviam. Partindo das questões de memória e do testemunho e narrativa, a metodologia empregada deixou uma documentação através do registro das lembranças e experiências dos entrevistados daquele momento histórico, servindo de parâmetro para mostrar as mudanças que ocorreram em função do isolamento. Assim, a fonte oral e os avanços da tecnologia permitiram um registro e uma aproximação aos aspectos que, normalmente, não estão nos arquivos, interligando problemas de pesquisa e escalas de observação por meio da narrativa.

Para realizar este artigo, recorreremos ao acervo de entrevistas realizadas pelo Núcleo de Pesquisa em História Oral da PUCRS (NEPHO-PUCRS) para o projeto “Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul”. Totalizando 20 entrevistas, teve os alunos da universidade como público-alvo. Se divide em duas fases: a primeira realizada entre 2020 e 2021, voltada para o isolamento social e a experiência com o Ensino Remoto Emergencial; e a segunda entre 2022 e 2023, com foco no retorno à presencialidade e à vacinação. Foram 14 entrevistados de diferentes cursos e estágios da graduação, a saber: história, serviço social, administração, direito, engenharia, psicologia, jornalismo e medicina. Os procedimentos padrões da História

Oral foram adaptados ao ambiente virtual, com o uso da plataforma *Zoom* para a realização dos depoimentos, que se basearam em um roteiro pensado para o público-alvo, que abordou temas como estudos, trabalho, contato e relações interpessoais, assim como os sentimentos que caracterizam este momento para os discentes.

As entrevistas registraram as experiências vividas durante a pandemia sob o olhar discente, fazendo este ponto de vista prevalecer na investigação histórica e servindo de análise do vivido no tempo presente. Considerando que cada aluno vive uma realidade subjetiva, enfrentado este cenário com condições diferenciadas, as respostas também se apresentaram de formas distintas. O uso de entrevistas orais, sobretudo as produzidas durante o período do isolamento social, assume papel relevante para o estudo da realidade que se inaugura a partir da ruptura causada pela Covid-19, constituindo-se como fonte principal para esta pesquisa.

## Resultados e discussão

Segundo Jacques Le Goff (1985), as doenças têm história, uma história que vai além do âmbito da saúde e da ciência, fazendo parte de uma história de saberes e de práticas que constituem representações, estruturas e relações sociais. Como em outros momentos ao longo da história, a Covid-19 tem um capítulo reservado na escrita da história mundial, impactando a vida de modo global, conectando trajetórias, nações e grupos a partir da experiência relacionada ao vírus, seja direta, pela infecção, perda de familiares ou sequelas, ou indiretas, consequências da necessidade de distanciamento.

Neste contexto, diversas perspectivas podem ser tomadas frente ao vírus: a partir da crise global, das nações e ações políticas. Entretanto, é partindo de visões mais aproximadas que podemos enxergar os detalhes, a experiência vivida frente à crise. Assim, a História Oral enquanto metodologia que privilegia aspectos subjetivos, trabalhando a partir da memória e experiência, pode ser uma fonte rica para a compreensão do fenômeno da Covid-19.

O projeto “Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul” é uma iniciativa de servidores do Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS) e da Universidade Católica do Rio Grande do Sul (UFRGS), abraçado por outras instituições do estado, como a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Com o objetivo geral de construir um acervo de registros sobre a experiência da

pandemia do estado do Rio Grande do Sul, localizado na Região Sul do Brasil, cada instituição trabalhou com públicos e problemas de pesquisa diferentes, ampliando o campo de visão sobre a Covid-19.

A História Oral foi escolhida como forma de registrar a experiência individual, partindo da subjetividade dos entrevistados como ponto de vista. O método atua em conformidade com os propósitos do trabalho, exatamente por sua privilegiada capacidade de registrar a memória e a subjetividade. Assim, a História Oral assume um papel crucial na reflexão sobre o tempo presente, pois atribui uma dimensão viva à história e reconhece a importância de evidenciar narrativas subjetivas frente a esta experiência.

A fonte oral pode fornecer aquilo que os registros escritos - dados estatísticos, econômicos e até sanitários, como os constantes em boletins com números de óbitos e de contágios - deixam de fora. Deste modo, a oralidade permite que nos aproximemos aos aspectos que, normalmente, não estão em arquivos. Os testemunhos assumem o papel de conectar os documentos e outros processos da pandemia, ligando o acontecimento em escala global com suas interferências em nível local, interligando macro e micro por meio da narrativa. Assim, quando usamos entrevistas orais, sobretudo as produzidas durante o período do isolamento social, reconhecemos a relevância dos indivíduos como sujeitos históricos, tomando seus pontos de vista no estudo da realidade que se inaugura a partir da ruptura causada pela Covid-19.

Antes da experiência da pandemia de Covid-19, o uso de entrevistas a distância ainda era pouco considerado no campo da História Oral, levando em conta a importância da corporalidade no momento do depoimento. Entretanto, a impossibilidade da presencialidade e a urgência de documentar a experiência nos condiciona a olhar com outros olhos ao trabalho remoto. Este tema foi abordado por Santhiago em Magalhães (2020), ainda no começo da crise, quando atentou-se para as possibilidades oferecidas pelo digital. De acordo com os autores, o uso da internet para a realização dos depoimentos pode ser próspero, desde que considerem os impactos da mediação virtual no resultado do depoimento.

Seawright e Maceno (2023), trabalham a problemática da história oral no tempo presente, acompanhando os desdobramentos do campo em um cenário de transição de uma sociedade analógica para uma sociedade digital. A história oral nasceu e se desenvolveu através do desenvolvimento tecnológico, desde a criação dos gravadores, das câmeras digitais e microfones portáteis, a transição das fitas para os CDs e desses

para pendrives e, agora, nuvens e arquivos online. Conforme os autores, “a história oral ingressou na sociedade digital ao mesmo tempo em que passou a ser feita inclusive ‘entre-telas’ por comunidades que se vinculam por meio da formação de redes” (SEAWRIGHT e MACE-NO, 2023, p. 26). A possibilidade do digital e a inserção da sociedade ao mundo virtual, com a crescente digitalização da vida cotidiana da população, levam a uma sociedade digital (Barros, 2022), impactando também nas formas de produzir e acessar conhecimento. A história oral não escapa a este cenário.

Sem negar todo o contexto central da pandemia, que deixou milhões de mortos e acarretou crises financeiras e marcas que permanecem e permanecerão após o fim da emergência global, acreditamos que aprendemos com esse momento. Querendo ou não, a pandemia nos obrigou a parar nossas atividades, modificando nossa vida cotidiana. Nos fez refletir sobre problemas que passavam despercebidos e nos obrigou a fazer coisas que jamais seriam pensadas ou colocadas em prática antes desta experiência. No caso da História Oral, também aplicáveis a outros casos, devemos pensar como as medidas que utilizamos durante o momento de crise podem e devem ser levadas para o período do “novo normal” pós-pandemia.

A crise na saúde e o isolamento permitiram realizar mudanças que não ocorreriam sob outras circunstâncias. No momento presente, com o fim da emergência global e uma situação controlada da doença, graças à vacinação em massa, podemos retomar as atividades presenciais e voltar a praticar os métodos tradicionais de pesquisa, mas algumas mudanças permaneceram.

Este momento é importante e merece uma reflexão sobre o vivido durante a Covid-19, ao debater o uso do digital, pensar nos aspectos éticos, no funcionamento das entrevistas e nos resultados que podem ser alcançados através dos meios digitais. Apesar de iniciarem como medidas emergenciais, incorporar o aprendizado dos últimos anos pode ser muito produtivo para a História, possibilitando coisas que o tempo e a distância antes impossibilitavam.

As implicações sanitárias que levaram ao isolamento social colaboraram diretamente para a aceleração de um processo previamente existente de digitalização da vida cotidiana. Apesar de já presente no dia a dia da grande maioria das pessoas, a internet passou a ocupar um espaço ainda maior. Torna-se, quase exclusivamente, o lugar de estudo, trabalho, acesso à informação, meio de comunicação e fonte de entretenimento.

Com a impossibilidade de realizar atividades comuns da vida no presencial, arquivos, bibliotecas, universidades e outros ambientes como estes ficam fora de acesso. A comunidade acadêmica, sem outras opções, se vira para o mundo virtual da internet como locus principal de pesquisa, ensino, divulgação e compartilhamento de ideias. A digitalização de arquivos, as plataformas de comunicação e mídia digitais e o ensino remoto permitiram a continuidade das atividades, sendo incorporados à pesquisa e ao ensino da História. Apesar de iniciarem como medidas emergenciais, a adesão ao digital ampliou os caminhos metodológicos, epistemológicos e temáticos da pesquisa histórica.

Nesse ínterim, a internet possibilitou a documentação e a difusão numerosa de fontes e informações sobre a pandemia de Covid-19, nos permitindo registrar os acontecimentos em tempo real. O acervo de História Oral do coronavírus constituído através do NEPHO-PUCRS conta com 20 entrevistas, abarcando em seus registros variadas temáticas relacionadas à pandemia de Covid-19. Nestes relatos, os alunos da universidade, público-alvo da pesquisa, falaram sobre suas vivências em casa, a relação com os familiares, a questão do Ensino Remoto Emergencial (ERE), dos hábitos desenvolvidos e das expectativas sobre um cenário futuro, construindo, a partir de suas subjetividades, uma nova história sobre a pandemia. Através dos depoimentos, observamos como essas esferas assumem significados particulares ao cenário pandêmico. De maneira geral, identificamos a configuração de uma nova realidade cotidiana, determinada pelo vírus, ou pelo medo dele.

Entre os temas explorados nos registros, o ensino remoto aparece como um elemento crucial no contexto da pandemia. A opção do ensino remoto surge com decreto da Portaria Normativa MEC n.º 343, de 17 de março de 2020, que possibilitou substituição das aulas presenciais por meios digitais durante a situação emergencial da pandemia do Novo Coronavírus. A plataforma Moodle, já utilizada anteriormente, e do Zoom, ferramenta que possibilitou encontros síncronos e a gravação das aulas, foram incorporadas, retomando as aulas de forma online rapidamente após suspender as atividades presenciais (Fay e Saval, 2023).

Embora a universidade tenha agido rapidamente para assegurar a continuidade do semestre, o ERE trouxe consigo uma série de desafios, tanto para os alunos quanto para os professores. Muitos estudantes enfrentaram dificuldades para se adaptar ao novo formato de aula e para estabelecer uma rotina na nova realidade. O processo de ensino e aprendizagem foi afetado, uma vez que o ambiente físico da sala de

aula e a interação direta com os professores e colegas proporcionam mais dinamicidade e interesse aos alunos, que até então não estavam acostumados a este modelo de aula. Esse é o caso de Lorenzo, aluno do curso de História:

“Meu primeiro semestre, que foi 2020/1, foi totalmente um desastre. [...] Então o primeiro semestre para mim foi bem ruim porque eu não via as aulas, eu dormia, eu não lia os textos, foi bem ruim mas minhas notas foram boas. Mas em relação aos textos eu não lia de forma alguma, eu só assisti as aulas, as gravações, e aí eu via. Mas eu sinto que por mais que eu tire notas boas, elas foram meio vazias porque as provas eram com consultas e tu pode puxar um conceito, alguma explicação, não é tu realmente aprender aquilo. Então as minhas notas dos dois semestres foram bem boas, mas eu não me senti realmente como se eu soubesse o conteúdo, como se eu tivesse essa compreensão e nesse sentido ficou bem ruim.” (Quintana, 2020)

A dificuldade em balancear o lazer e os estudos, assim como o trabalho doméstico e profissional, tem sido um desafio para muitos alunos durante o isolamento. As noções de tempo e espaço passam a receber outros significados. Modifica-se o espaço da casa: no local de trabalho, estudos e descanso, os tempos e as funções se misturam. Sobretudo na fase inicial, nos primeiros meses de medidas emergenciais que fecharam a universidade e os estabelecimentos comerciais, a casa era o único espaço frequentado. Nela, a rotina se desorganiza e se organiza novamente, na maioria das vezes com dificuldade. Outros estudos sobre cotidiano pandêmico demonstram que esta foi uma experiência geral, especialmente no momento inicial do isolamento. Um estudo realizado com estudantes universitários no Equador (Vásquez-Paucar *et al.*, 2022) observou como os discentes apresentaram dificuldades em organizar seu tempo, se adaptando conforme suas necessidades e prioridades. Esse aspecto também foi identificado nos depoimentos do Documentando, como é colocado por Vinicius, aluno do curso de História da PUCRS:

“Quando a gente fica o tempo inteiro em casa, a gente acaba perdendo um pouco a noção do tempo, né. Então afeta um pouco a rotina, porque, como a gente sabe que a gente tá em casa, que a gente não tem exatamente certos horários para cumprir. Eu acho que isso acaba meio que isolando, a gente já não sabe mais que hora é. Então eu acho que a questão

do *lockdown* acaba atrapalhando um pouco na organização, sinto falta de eu me organizar, que é uma questão bastante minha, né. Eu acho que tem que planejar uma rotina, porque eu deixei, fui fazendo do jeito que dava. Mas pelo fato de não ter certos horários que a gente costuma ter a rotina começou a ficar meio bagunçada. Às vezes de comer em horários completamente diferentes ou estudar em horários alternativos, então a rotina ficou um pouco meio perturbada, assim, de misturar um pouco a casa com o momento de estudar, ficou tudo muito misturado.” (Niemxeski, 2021)

A pesquisa de Toala-Mendoza *et al.* (2023) apontou como fatores financeiros, por exemplo, podem afetar no processo de ensino, desencadeando questões emocionais que interferem na rotina dos estudantes, assim como fatores socioemocionais, o acesso a tecnologias e meios adequados para acessar ao ensino remoto. O estudo demonstrou que, dentre o grupo de estudantes que participou da pesquisa, 74% apresentaram problemas de saúde psicológica em razão da emergência sanitária. O longo tempo pelo qual a necessidade de distanciamento se estendeu, permanecendo como emergência de saúde pública de importância internacional até maio de 2023 (Organização Pan-Americana da Saúde, 2023), acarretaram altos níveis de estresse e ansiedade. Assim, a saúde mental sofreu grande impacto, sendo também uma questão de saúde pública acrescentada à crise da Covid-19.

Podemos acrescentar que hábitos de higiene pessoal, como lavar as mãos frequentemente, uso de álcool gel e de máscaras, tirar os sapatos para entrar em casa e lavar as compras que chegam da rua, são amplamente identificados nos relatos docentes. Atenção à saúde e a percepção do cuidado também aparecem, sendo fatores determinantes nas relações individuais e interpessoais durante a pandemia. A noção do cuidado, perpassada por uma relação mediada entre “eu” e “outro”, foi decisiva na tomada de ações frente à pandemia. Assim, a noção de coletividade é perpassada pela noção de indivíduo. O cuidado pessoal, com a adoção de hábitos de higiene e distanciamento social, passa a ser visto também como uma forma de cuidar do próximo, seja um familiar em casa, seja um estranho na rua:

“[...] Cuidado consigo, que automaticamente é cuidado com o outro, porque, automaticamente, quem não tem cuidado consigo também tá em falta com cuidado do outro, por andar sem

máscara. Então o cuidado é uma palavra bem significativa nessa pandemia, se cuidar e cuidar de si, cuidar do outro, a preocupação com outro. [...] Essa dicotomia dos que se cuidam e dos que não se cuidam, acaba que os que estão se cuidando acabam ficando um pouco mais inseguros por ter os que não se cuidam, né. Então a gente vai no mercado, às vezes, a gente passa por umas pessoas sem máscara e quando ando na rua tem muitas pessoas que negam a pandemia, isso acaba deixando as pessoas que estão se cuidando, que tem certo medo da pandemia, com um pouco mais de medo. Ao invés da gente estar todos trabalhando juntos, só a metade tá trabalhando para melhorar as coisas e a outra metade está pouco ligando. Então essa questão da rua é um medo por que outras pessoas não se cuidam.” (Niemxexki, 2021)

Contudo, ao longo do tempo, os alunos puderam estabelecer certa rotina. Num contexto de crise, as pessoas foram aprendendo a viver de formas diferentes, adquirindo uma nova cultura de hábitos, novas formas de estudar, trabalhar, comunicar e se divertir. Novos sentidos da vida cotidiana configuram a experiência pandêmica. Assim, aspectos positivos também são identificados. Entre as adversidades ligadas ao isolamento, a perda de familiares e as sequelas do vírus, são percebidos elementos de adaptação, resiliência e empatia. O tempo antes gasto no deslocamento e outras necessidades do presencial, pode ser usado para lazer, autocuidado e tempo de qualidade com a família. A flexibilidade do remoto permitiu a realização de atividades, como estágios e trabalhos, que antes eram impossibilitados pelos horários das aulas. Assim, a experiência pandêmica, estendida por meses, transita entre pontos baixos e altos, se apresentando como um momento paradoxal. Sem ignorar a dor, medo e o luto que este momento carrega, para alguns, esse tempo foi ressignificado:

“Mas no fim deu tudo certo, eu acho que tudo foi se adaptando e foi dando certo, a gente vai aprendendo a lidar com as novas tecnologias, novas maneiras de ensino. Sinto que eu tenho mais tempo livre em casa, com o tempo que eu perdia fazendo outras coisas, como no transporte e tudo mais, eu consigo ler, consigo estar com meu cachorro. Ele tá com quase 16 anos, foi um ano bem difícil, mas, ao mesmo tempo, foi muito bom estar em casa com ele. Então seria hipócrita dizer que a pandemia foi boa, mas acho que tem aspectos que foram po-

sitivos, não dá para dizer que foram bons, maravilhosos, mas esse convívio com a minha mãe, com meu cachorro, de estar em casa, tipo poder terminar a aula, terminar o trabalho e poder ficar 30 minutos no sol ou sentada na rede. Eu sinto que eu tive mais qualidade de vida se eu pensar no tempo que eu passava em casa e passo agora [...]" (Raffainer, 2021)

Apresentamos alguns fragmentos que exemplificam o cotidiano da Covid-19. Além desses, outros relatos, detalhes e individualidades revelam experiências plurais, mas que se encaixam em um contexto geral, uma experiência pandêmica (Oliveira, 2022). As 20 entrevistas da PUCRS são apenas uma parte do grande acervo criado pelo projeto Documentando, que no total soma mais de 200 entrevistas, em uma rede que contemplou 13 instituições do estado do Rio Grande do Sul. Como esse, outros projetos também utilizaram a História Oral para documentar a pandemia, compreendendo o significado que esse fenômeno assume na história do tempo presente e as possibilidades contempladas por essa metodologia.

A variada gama de registros orais que escutou diferentes públicos, regiões e contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, revelam o saldo positivo do uso da internet neste momento. Diferente de outras pandemias e epidemias na história, a Covid-19 esteve conectada por uma grande rede de computadores, possibilitando a documentação em tempo real e ampliando o trabalho historiográfico e a profundidade das fontes. Estar inserida em uma era digital faz parte da história da pandemia do coronavírus, permeando diversas esferas da vida humana, adentrando ainda mais no cotidiano da população mundial.

No cenário de uma história digital, a pandemia aproximou os historiadores e suas mais variadas metodologias e temáticas ao mundo virtual. Sem alternativas, nos vimos obrigados a mergulhar na internet, nos apropriar de seus meios, arquivos repositórios e ferramentas digitais. Assim, a pandemia foi um marco para uma conscientização geral sobre a importância da internet no desenvolvimento de pesquisas e divulgação científica. Com isso, outros processos ganham relevância e finalmente entram no debate da historiografia. A importância da digitalização e disponibilização de acervos e fontes, a questão da preservação e da garantia da originalidade dos dados, o compartilhamento de pesquisas e a importância das redes digitais, que ligam pesquisadores do mundo inteiro em tempo real.

Reconhecendo a importância do cenário que vivemos no presente, o NEPHO-PUCRS iniciou um processo de digitalização do seu acervo

de entrevistas. O núcleo de pesquisa foi fundado em 1997, pela professora doutora Núncia Maria Santoro de Constantino, com a criação do então Laboratório de História Oral. Ao longo dos seus 27 anos, o núcleo é responsável pela salvaguarda de mais de 600 entrevistas, que em breve serão disponibilizadas na internet. A iniciativa da digitalização nasce na pandemia, através da ação de ex-alunas do curso de História. O objetivo principal desse processo é garantir o legado do núcleo no campo da História Oral e estimular a coleta e preservação de novos relatos para futuras gerações. Esta iniciativa reflete como a experiência do isolamento levou a uma maior conscientização digital, influenciada pela impossibilidade de acessar presencialmente as fontes e da crescente digitalização da vida cotidiana da população.

No entanto, não podemos esquecer a importância da ética na pesquisa que ainda enfrentamos o desafio de lidar com a garantia da privacidade, maneiras de preservar e divulgar os dados coletados, a autenticidade dos metadados, a forma de conduzir as entrevistas de forma remota, quais aspectos éticos devem ser contemplados, questões ainda indefinidas. Portanto, nós, historiadores, devemos continuar construindo e adaptando nossos métodos ao nosso presente, explorando ao máximo as possibilidades que nos proporciona. Sem dúvidas, ainda há um longo caminho a percorrer, mas o primeiro passo foi dado.

## Considerações

Embora muitos historiadores tenham encarado este processo como momentâneo, restrito ao momento emergencial, muitas das alterações causadas pela pandemia são permanentes. Não é possível retornar ao passado, voltar ao antes. O desenvolvimento das tecnologias digitais provocou mudanças rápidas e profundas no cotidiano. Ao assumir papel central no desenvolvimento de processos culturais e na configuração de novos imaginários e representações, nos conduziu a uma era digital, tomando papel importante nas dimensões políticas e econômicas de sociedades em todo planeta.

A experiência pandêmica pode ser encarada, deste modo, como um marco no processo de transformação digital, lançando as bases para a consolidação de uma história cada vez mais digital, inserida no contexto do tempo presente. A aceleração de tendências, como a colaboração virtual e o uso de fontes digitalizadas e natodigitais, despertou a consciência digital entre grande parte dos historiadores, impulsionando o

desenvolvimento de projetos pensados no contexto digital e voltados para o enfrentamento de seus desafios.

## Referências bibliográficas

- Barros, J. D. Revolução digital, sociedade digital e História. In: BARROS, J. D (Org.). História Digital: A Historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. Petrópolis: Vozes, 2022.
- Brasil, Ministério da Educação (2020, 17 de março). Portaria Normativa n. 343. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-%20de-2020-248564376>.
- Erl, A. (2020). Will Covid-19 become part of collective memory? In R. Rittgerodt (Ed.). 13 Perspectives on the pandemic: Thinking in a state of exception (De Gruyter Humanities Pamphlet) (pp. 45-50). De Gruyter Academic Publishers.
- Fay, C. M. & Saval, P.E. (2023). A pandemia da Covid-19 e seus reflexos na educação a partir das ações realizadas pela PUC-RS e do olhar de seus graduandos. In: Carla Simone Rodeghero; Clarissa Sommer Alves; Rodrigo de Azevedo Weimer.. (Org.). História Oral da COVID-19 Reflexões desde o Rio Grande do Sul. Letra e Voz, v. 1, 1-132.
- Le Goff, J. (1985). As doenças têm história. Terramar.
- Le Goff, J. (1990). A História nova (E. Brandão, Trad.). Martins Fontes, 1990.
- Levi, G., Passerini, L., & Scaraffia, L. (1977). Vita quotidiana in un quartiere operaio di Torino fra le due guerre: l'apporto della storia orale. *Quaderni Storici*, 12(35), 433-449.
- Nascimento, D. R. (2005). As pestes do século XX: Tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada. Fundação Oswaldo Cruz.
- Niemxski, V. F. (2021, 20 de abril). Entrevista concedida a Luísa Borgmann de Oliveira. Projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul, PUCRS.
- Oliveira, L. B. (2022). Documentando a experiência da Covid-19 na PUCRS: Um relato de pesquisa. In C. M. Fay, G. H. Perna, & P. E. Saval (Orgs.). Múltiplas possibilidades da História Oral. Editora Fi.
- Organização Pan-Americana da Saúde (2023, 5 de maio). OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>.
- Pollack, M. (1992). Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, 5(10), 201-215.

- Portelli, A. (1997). O que faz a história oral diferente. In Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 14, 25-39.
- Raffainer, B. F. (2021, 14 de abril). Entrevista concedida a Luísa Borgmann de Oliveira. Projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul, PUCRS.
- Rodeghero, C. S., & Weimer, R. A. (2021). Pode a História Oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid-19: Tempo, testemunho e História. Estudos Históricos, 34(74), 472-491.
- Santhiago, R., & Magalhães, V. B. (2020). Rompendo o isolamento: Reflexões sobre História Oral e entrevistas à distância. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, 27, 1-18.
- Schwarcz, L. M., & Starling, H. M. (2020). A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil. Companhia das Letras.
- Schwarcz, L. M. (2020). Quando acaba o século XX. Companhia das Letras.
- Seawright, L., & Maceno, L. (2023). História oral e sociedade digital. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 78, 503-533.
- Silveira, L. Q. (2020, 18 de dezembro). Entrevista concedida a Luísa Borgmann de Oliveira. Projeto Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul, PUCRS.
- Thompson, P. (1992). A voz do passado. Paz e Terra.
- Thompson, P. (2002/2009). História Oral e contemporaneidade. História oral, 5. <https://doi.org/10.51880/ho.v5i0.47>
- Toala-Mendoza, R. D., Mendoza-Zambrano, A. S., Aveiga-Ortiz, A. M., & Sabando-Loor, R. E. (2023). Implicaciones de la modalidad híbrida distancia-virtual en estudiantes de la ESPAM-MFL, durante la pandemia Covid-19. Santiago, 160, 312-323.
- Vásquez-Paucar, M. C., Rodríguez-Cotilla, Z., O-Léon, O. La, & Padilla-Orlando, M. A. (2022). Organización del tiempo de estudiantes universitarios para recibir clases virtuales en tiempos de COVID 19. Santiago, 157, 180-195.

### **Declaração de conflito de interesses:**

Os autores desta investigação declaram que não existe conflito de interesses.

### **Declaração de contribuição:**

Cláudia Musa Fay. Autor principal: Conceptualização, curadoria de dados, administração do projeto, recursos, redação do rascunho original.

Luísa Borgmann de Oliveira. Coautor: Análise formal, pesquisa e validação dos resultados. Metodologia, redação, revisão e edição.